

SÃO VICENTE FERRER E A DISPUTA DE TORTOSA

Marcin Błaszczuk, 24 de junho de 2024

Fonte: <https://www.creareaude.pl/sw-wincenty-ferreriusz-i-debata-w-tortosie/>

Tradutor do texto: Estanislau Sobieski.

Descrição: O artigo analisa a Disputa de Tortosa (1412–1414), o mais longo debate teológico medieval entre católicos e judeus, explorando o papel de São Vicente Ferrer (1350–1419) e de Jerônimo de Santa Fé (†1419).



Neste estudo, apresentarei a história do mais longo debate teológico entre católicos e judeus, que passou à história como a Disputa de Tortosa, em razão do local onde se realizou. No contexto dessa disputa, mostrarei qual foi o papel desempenhado por São Vicente Ferrer, e comentarei a obra *Tractatus novus et valde compendiosus contra perfidiam Iudaeorum*, traduzida de modo impreciso como “Tratado contra os Judeus”, tradicionalmente atribuída a São Vicente Ferrer. Essa observação é importante, pois o título do tratado pode ser facilmente mal compreendido nos tempos atuais.

A DISPUTA DE TORTOSA: CONTEXTO

As disputas judaico-cristãs tinham, na Idade Média, uma tradição profunda. Delimitando o tema à Espanha, os primeiros debates desse tipo, ou “disputas”,

como alguns preferem, datam do século XIII. Entre as mais importantes, destacam-se:¹

- A Disputa de Barcelona (1263), entre Nahmánides de Girona e Pablo Cristiani de Montpellier, na presença do rei Jaime I, o Conquistador, rei de Aragão.
- A Disputa de Maiorca (1286).
- A Disputa de Valladolid (1336).
- A Disputa de Burgos (1375).
- A Disputa de Ávila, por volta de 1375.
- A Disputa de Pamplona, travada entre 1378–1380 / 1385.
- E, finalmente, a Disputa de Tortosa (1412–1414), que será resumidamente tratada aqui.

Além dessas, ocorreram também debates privados entre personalidades de renome do mundo cristão e do mundo judaico. Nesse contexto, a Disputa de Tortosa foi um exemplo clássico de disputa organizada sob os auspícios da autoridade política da Europa Ocidental. O que o distingue é tanto a sua longa duração quanto a escala do envolvimento das partes. O iniciador da disputa e principal representante do lado católico foi o médico pessoal do antipapa Bento XIII, um judeu convertido ao cristianismo: Jerônimo de Santa Fé (em latim: Hieronymus de Sancta Fide; antes da conversão: Joshua ben Joseph al-Lorqui). O debate, naturalmente, decorreu sob o patrocínio de Bento XIII e do rei de Aragão, Ferdinando I, o Justo.

A DISPUTA DE TORTOSA: DADOS HISTÓRICOS

A Disputa de Tortosa foi a mais longa disputa judaico-cristão da história, durando dois anos e cinco meses. Ambas as partes enviaram representantes da elite intelectual de seu tempo.

A primeira sessão ocorreu em Tortosa, na Catalunha — então pertencente ao Reino de Aragão —, em agosto de 1412. Na presença do antipapa Bento XIII, de teólogos e doutores de ambas as fés, Jerônimo de Santa Fé apresentou suas teses. Os dignitários judeus pediram tempo para responder ao conteúdo apresentado. O papa aceitou o pedido e a disputa foi adiada para o início de 1413. Durante esse intervalo — em novembro/dezembro de 1412 —, as teses de Jerônimo foram traduzidas, a pedido de Bento XIII, para o hebraico e enviadas às comunidades judaicas, dando-lhes tempo e material para preparar suas réplicas.

¹ Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico Exema. Diputación de Zaragoza, 2021, tomo I, p. 40–44. Disponível em: <<https://ifc.dpz.es/publicaciones/ebooks/id/3912>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

O próprio processo, dividido em 68 sessões, embora tenha durado muito tempo, não foi contínuo. A primeira sessão realizou-se a 7 de fevereiro de 1413 e a última a 12 e 13 de novembro de 1414. A primeira parte incluiu as sessões 1–9, teve caráter oral e decorreu de 7 a 20 de fevereiro de 1413. Como a parte judaica mudava frequentemente de opinião, decidiu-se por uma abordagem mais formal, na forma de perguntas e respostas escritas. A segunda parte, da 10ª à 48ª sessão (de 27 de fevereiro de 1413 a 8 de janeiro de 1414), assumiu já um caráter formal e escrito. As respostas das partes em disputa eram lidas em público e registadas por notários papais. A terceira fase incluiu as sessões 49 a 62 e decorreu de 26 de janeiro de 1414 a 19 de abril de 1414. Nesta fase, foram feitos resumos por escrito disponíveis para ambas as partes. A quarta e última fase incluiu as sessões 63 a 67, ou seja, de 15 de junho a 10 de novembro de 1414, onde o tema era exclusivamente a controvérsia em torno do Talmude. Na sessão final, que durou dois dias (12 e 13 de novembro de 1414), foram lidas e publicadas as conclusões finais de toda a disputa.

Do ponto de vista atual, é difícil julgar esse acontecimento. É verdade que os participantes judeus tinham liberdade para apresentar seus argumentos, conforme as regras originais. O próprio decurso da disputa foi cuidadosamente registrado e verificado por ambas as partes. Contudo, os judeus estavam sob pressão social e política muito maior que seus oponentes católicos. O longo tempo de duração da disputa em Tortosa também teve um impacto negativo na parte judaica, causando uma longa separação das famílias e a necessidade de suportar os custos de participação na disputa longe de casa.

Não foi e não é minha intenção discutir esta disputa em detalhe, pois esse não é o objetivo principal do artigo. No entanto, encorajo os interessados a consultarem as fontes e a avaliarem criticamente algumas publicações superficiais na internet. Pode ser muito útil aqui a obra espanhola de três volumes, disponível online e em acesso completo não comercial. São três volumes, cujo autor é Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico. Excma. Diputación de Zaragoza, 2021.

No total, são cerca de 1800 páginas, em espanhol, onde podemos, com base em fontes, avaliar a própria disputa, os argumentos de ambas as partes e a forma como a disputa foi conduzida. Essa publicação é um exemplo do trabalho titânico dos historiadores, graças ao qual podemos, no entanto, desfazer avaliações frequentemente simplificadas, estereotipadas e escritas a partir da perspetiva atual deste evento.

A DELEGAÇÃO JUDAICA

É atualmente impossível estimar o número exato de judeus que participaram na disputa de Tortosa. Algumas fontes falam de mil ou mesmo dois mil participantes, incluindo observadores. Do lado judeu, fala-se mesmo em duzentos rabis, embora apenas algumas dezenas de nomes sejam conhecidos. Isso se deveu ao fato de nem todos os judeus tomarem a palavra durante a disputa, e apenas os que intervinham eram registrados pelos notários. A representação judaica provinha de uma vasta área geográfica. Estiveram presentes em Tortosa delegados das seguintes regiões ou cidades: Alcañiz, Almazán, Barbastro, Belchite, Calatayud, Castelló de Ampurias, Daroca, Fraga, Gerona, Huesca, Lérida, Monreal, Montalbán, Monzón, Tamarite de Litera, Tortosa, Zaragoza (Saragossa). No total, é possível identificar pelo nome mais de 50 delegados. Para alguns deles, são fornecidos os nomes antes e depois da conversão, o que pode dificultar a sua simples identificação. Os demais participantes na disputa, embora não conheçamos a sua identidade, prestaram auxílio e consultoria durante o debate em Tortosa. Entre as figuras mais notáveis do lado judeu estavam rabinos, poetas, filósofos, tais como: o poeta Vidal ben Labí, R. Moisés Abenabez, o poeta Salomón Bonafed, R. Josef Albó, Zerahia ha-Leví ha-Saladín (R. Ferrer na ata), R. Mattatías ha-Yitshari, R. Abraham Rimoch, R. Astruc ha-Leví de Alcañiz, Bonastruc Dezmaestre.²³ Nos registros, lemos a opinião de Jerônimo de Santa Fé: “ele os considera os judeus mais sábios que então existiam” e *omnes que sodes en fama de sabidores* (“todos aqueles conhecidos por sua sabedoria”).

A DELEGAÇÃO CRISTÃ

Do lado cristão, a disputa foi dirigida pelo antipapa Bento XIII. No entanto, a liderança prática coube a Jerônimo de Santa Fé, um conhecido convertido, médico pessoal de Bento XIII. Dedicarei um capítulo separado a essa figura. Os demais dignitários e teólogos católicos deveriam apenas auxiliar Jerônimo de Santa Fé ou substituir Bento XIII durante as suas ausências. Entre eles estavam, entre outros: o bispo Andres Bertran (Beltrán), esmoler do papa; Grasi Alvarez de Alarcón, superior da ordem dominicana; o geral da ordem dominicana Juan de Podionuciis; o geral da ordem dominicana Sancho Porta; o cardeal Pedro de Santangel (Sant’Angel). Entre os presentes durante sessões selecionadas da disputa estava também São Vicente Ferrer.⁴

AS CONVERSÕES

Um dos fenômenos mais surpreendentes resultantes da Disputa de Tortosa foram as conversões de judeus, registradas ao longo de todo o processo. Já após a

²³ Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico Exema. Diputación de Zaragoza, 2021, tomo I, cap. *Los asistentes judíos*.

³ Antonio Pacio Lopez, M.S.C., *La Disputa de Tortosa*, 1957, cap. *Representantes judios*.

⁴ Ibid.

primeira sessão, houve conversões entre membros da elite judaica. O efeito dessas conversões foram também as conversões dos seus familiares, parentes e amigos. No período inicial, a inconsistência das respostas dos rabinos e a argumentação certa de Jerônimo de Santa Fé eram frequentemente apontadas como razão para as conversões. Nas semanas seguintes da disputa em Tortosa, o ritmo de conversões manteve-se num nível de várias dezenas ou centenas de judeus. Em todo o lado, era dada como razão a argumentação de Jerônimo de Santa Fé, à qual os rabinos não respondiam de forma convincente. As estimativas apontam para um número total de conversões de vários milhares. Mais importante parece ser o número de mais de 50 rabinos que, durante e após o final da disputa em Tortosa, se converteram ao catolicismo. Em estudos judaicos, o medo, a coação ou o oportunismo da parte judaica, forçados pelos católicos, são apontados como a principal razão para a conversão. Por outro lado, dispomos de relatos da parte judaica, nos quais surge o argumento relacionado com a persuasão para o batismo devido à força dos argumentos da parte católica. No polo oposto, estão opiniões de que as conversões em massa ao cristianismo foram totalmente não forçadas e sinceras. Parece-me que atualmente não conseguiremos determinar todas as verdadeiras intenções por trás das conversões em massa, mas é um erro não levar em conta o fato de que a parte judaica pôde, em muitos casos, ter sido simplesmente convencida pelos argumentos apresentados na disputa de Tortosa. Um caso à parte são as conversões em massa resultantes da atividade de São Vicente Ferrer e dos seus sermões. Nesse caso, a natureza dos sermões certamente provocou decisões mais violentas e emocionais entre todos os que os ouviam. Certamente, as informações sobre a conversão entre as elites e rabinos judeus fizeram com que as conversões em massa entre judeus “comuns” fossem mais numerosas. Assim, tanto os “Sermões” de São Vicente Ferrer, apoiados por numerosos milagres, como a conversão entre as elites judaicas sob a influência da disputa de Tortosa, causaram uma escala sem precedentes de conversões entre a comunidade judaica espanhola.

JERÔNIMO DE SANTA FÉ

Neste capítulo, gostaria de dedicar algumas palavras ao principal arquiteto da disputa de Tortosa e ao seu legado na forma dos “Tratados”. O principal iniciador e condutor da disputa do lado católico foi Jerônimo de Santa Fé, na literatura latina chamado Hieronymus de Sancta Fide, e nas fontes hebraicas, antes da conversão, conhecido como Joshua ben Joseph al-Lorqui / Josué ha-Lorki. Na sequência, usarei o nome após a conversão ao cristianismo, ou seja, Jerônimo de Santa Fé, o qual era rabi e médico do antipapa Bento XIII. Na juventude, recebeu uma educação muito cuidadosa. Não conhecemos a data exata, mas sua conversão ao catolicismo ocorreu em 1411, o que é confirmado pela correspondência do antipapa Bento XIII. No entanto, não foi uma conversão súbita e espontânea, mas

precedida por muitos anos de estudo e reflexão. Como rabi, conhecendo tanto hebraico como latim, Jerônimo de Santa Fé podia usar livremente o Talmude e outros escritos judaicos, bem como as Escrituras Sagradas. Além dos estudos talmúdicos e teológicos, estudou e praticou medicina, como atestam o seu conhecimento nesta ciência e a publicação sobre “plantas e ervas e as suas propriedades medicinais”, tradução hebraica com o título: *Gerem ha-Ma'alot*.

Existe a crença de que a conversão de Jerônimo de Santa Fé ocorreu sob a influência dos sermões de São Vicente Ferrer, e até que ele foi batizado pelo próprio santo. Embora não haja provas históricas inequívocas para isso, certamente a figura de São Vicente e seus sermões influenciaram a fé e as convicções do convertido Jerônimo. “El tiempo que San Vicente Ferrer estuvo en Alcañiz, convirtió muchos judíos y entre ellos rabinos peritísimos en su ley, cual fue uno que en el Bautismo quiso llamarse Jerónimo de Santa Fe”.⁵ Isso é confirmado por outros relatos, bem como pelo respeito pessoal de Jerônimo por Vicente Ferrer, que expressou várias vezes. Pode-se afirmar claramente que a conversão de Jehoshua ha-Lorqui para Jerônimo de Santa Fe ocorreu durante o tempo de São Vicente Ferrer e durante a sua atividade pregadora.

No seu *Tractatus contra perfidiam Judaeorum* (“Tratado contra a perfídia dos judeus”), escrito por volta de 1412, Jerônimo refuta a religião judaica, citando passagens da Bíblia hebraica para demonstrar que elas testemunham a vinda de Jesus como Messias e sua divindade. Escreveu também um tratado menor *De judaicis erroribus ex Talmud* (“Erros e falsidades do Talmude”), dirigido a Bento XIII. Esses dois tratados serviram como base doutrinal do lado católico durante a disputa de Tortosa.

Curiosamente, o *Tractatus contra perfidiam Judaeorum*, no qual expunha suas teses, que mais tarde tentou provar no decurso dos trabalhos em Tortosa, foi traduzido para o hebraico e enviado a cada uma das comunidades judaicas do Reino de Aragão, de onde provinham os delegados judeus que participaram na disputa de Tortosa. O segundo opúsculo, sobre os erros e falsificações do Talmude, também foi entregue à comunidade judaica, para que os rabinos judeus pudessem posicionar-se face a ele e refutar as acusações.

É importante sublinhar enfaticamente que ambas as obras têm um caráter teológico, e não polêmico no sentido moderno do termo. Escritas por um antigo rabino que, após longos estudos e meditação, abraçou o cristianismo, tinham por objetivo demonstrar, com base nas Escrituras Sagradas, que o Messias que os

⁵ Pedro Santonja Hernández, *La disputa de Tortosa. Jerónimo de Santa Fe y san Vicente Ferrer*, Helmántica, 2012, volumen 63, n.º 189, p. 145. Disponível em: <<https://summa.upsa.es/details.vm?q=id:0000030751&view=main&lang=es>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

judeus esperam é Jesus Cristo. Não são, portanto, escritos “contra os judeus”, mas uma coleção de argumentos destinados a confirmar a divindade de Jesus e sua obra redentora em favor dos homens.

TRATADOS DE AUTORIA DE JERÔNIMO DE SANTA FÉ

A imagem mais completa do que são esses “Tratados”, que do ponto de vista atual têm títulos bastante sinistros e que não transmitem o conteúdo neles contido, obteremos recorrendo às fontes. Proponho buscar os dois escritos de Jerônimo de Santa Fé do início do século XVII, que estão disponíveis online. Ambas as obras foram escritas em latim, o que deve facilitar a tradução automática. É claro que o ideal seria que existissem traduções críticas modernas para a língua polonesa; infelizmente não tenho conhecimento de nenhuma. Abaixo apresento os links para ambos os textos.

O primeiro é: *Contra Iudaeos Hieronymi de Sancta Fide Iudaei ad christianismum conversi...*, edição de 1552.⁶ O livro contém ambos os “Tratados”.

O primeiro tratado (Tractatus primus) com o título *Ad convincendum perfidiam Iudaeorum* (“Para convencer os judeus de sua perfídia”), consiste nos capítulos: I–XII.

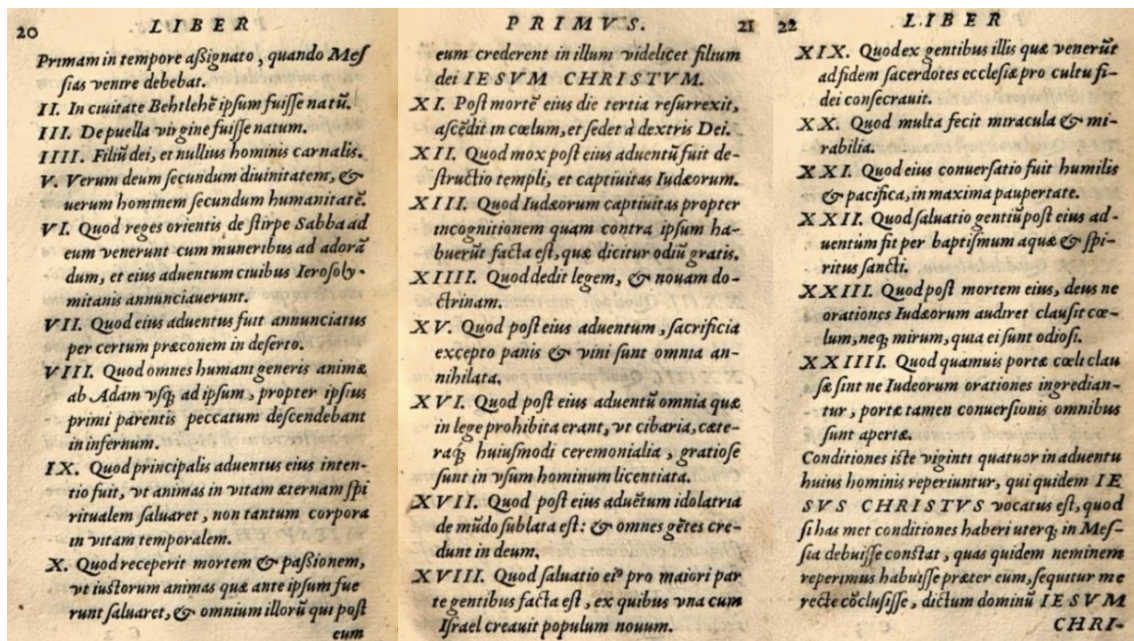
O segundo tratado (Liber secundus) com o título *De Iudaicis erroribus ex Talmuth*, consiste nos capítulos: I–VI.

O primeiro dos Tratados trata das condições que a vinda do Messias deveria cumprir, apresentando-as de modo metódico, com referências às profecias e aos escritos do Antigo Testamento. O autor, ao apresentar essas condições e os fatos que deveriam ocorrer, confronta-os com a vida e a história de Jesus Cristo. Ele prova que o homem em quem coincidem as obras e as condições anunciadas por todos os profetas relativas ao Messias é o verdadeiro Messias, e que, de fato, não encontramos mais ninguém além dele. Em seguida, Jerônimo de Santa Fé apresenta vinte e quatro condições verificadas em Jesus Cristo, todas elas bem confirmadas pelas Sagradas Escrituras. Não as citarei (traduzidas para polonês), mas elas correspondem aos doze capítulos subsequentes e a condições adicionais detalhadas.

⁶ O livro pode ser encontrado em:

https://www.google.pl/books/edition/Contra_Iudaeos_Hieronymi_de_Sancta_Fide/MQVXAAAAcAAJ?hl=pl&gbpv=0

Para os entusiastas de manuscritos, há também outro do século XV: *Antonius de Monte Ulmi; Hieronymus a Sancta Fide; Sermo de schismaticis et haeticis graecis*. A versão online está disponível em: <https://online-service.nuernberg.de/viewer/image/07072747/221/#topDocAnchor>



Após essa introdução, seguem-se doze capítulos, discutindo em detalhe as questões acima mencionadas, com referências às Sagradas Escrituras. Como escreve o autor: “Nunc autem cuiuslibet articuli intentionem cum dei adiutorio conabimur declarare” (“Agora, com a ajuda de Deus, tentaremos explicar o sentido de cada artigo”).

- Capítulo I. Mostra as diferenças entre judeus e cristãos, cuja divergência fundamental reside na fé na vinda do Messias.
- Capítulo II. Demonstra que a vinda do Messias ocorreu pouco antes da destruição do Templo.
- Capítulo III. Prova que o Messias, como homem, nasceu em Belém, na terra de Judá.
- Capítulo IV. Trata do nascimento virginal do Messias e Salvador.
- Capítulo V. Examina o problema da dupla natureza do Messias — Filho de Deus e homem ao mesmo tempo.
- Capítulo VI. Refere-se à profecia segundo a qual reis do Oriente, da linhagem de Sabá, viriam adorar o Messias, oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra.
- Capítulo VII. Ensina que as almas humanas, antes da vinda do Messias, desciam ao inferno por causa do pecado original, e que o Messias, por sua paixão e morte, redimiou os pecados e libertou as almas do abismo.

[Nota d'O Recolhedor: Jerônimo, é claro, se refere ao limbo dos patriarcas].

- Capítulo VIII. O Messias devia ressuscitar ao terceiro dia, subir aos Céus e sentar-se à direita de Deus Pai, conforme predisseram Isaías e outros profetas.

- Capítulo IX. A missão do Messias consistia em dar uma nova lei e uma nova doutrina, suprimindo, entre outras coisas, certas proibições alimentares e rituais de sacrifício.
- Capítulo X. Ensina que, após a vinda do Messias, a idolatria seria totalmente abolida, o Evangelho seria anunciado a todas as nações e todos seriam salvos pela fé no Messias. Sua vontade era o batismo com água e com o Espírito.
- Capítulo XI. O Messias deveria manifestar-se aos pobres e humildes, entrar no Templo montado num jumentinho, vestido como um homem simples.
- Capítulo XII. A vinda do Messias foi anunciada de antemão por um profeta no deserto. O ódio dos judeus ao Messias é a causa de seu exílio.

O segundo dos “Tratados”, *De Iudaicis erroribus ex Talmuth*, é dedicado ao Talmude. Nesse tratado, Jerônimo chamou a atenção para a frequente precedência e primazia do Talmude sobre os registros da Bíblia, e procura demonstrar, nos seis capítulos seguintes, que o Talmude contém afirmações contrárias à Lei, aos profetas e ao próprio Messias. Os erros do Talmude, segundo Jerônimo, foram por ele divididos em seis tipos, cada qual desenvolvido em um capítulo separado, tendo subsequentemente constituído o material discutido na última fase da disputa de Tortosa. Em grande resumo, pode-se dizer que os capítulos abordam as seguintes questões contidas no Talmude:

- Coisas contrárias ao amor, à humanidade e à lei natural.
- Coisas contrárias ao serviço de Deus e às suas perfeições.
- Coisas contrárias à Lei Mosaica e à Lei Profética.
- Absurdos, preconceitos e imoralidades presentes no Talmude.
- Coisas inaceitáveis contra a fé católica e nosso salvador Jesus Cristo.
- Coisas no Talmude que parecem prejudiciais para a convivência de cristãos com judeus.

No tratado, Jerônimo de Santa Fé anexou a cada um dos capítulos excertos da literatura talmúdica e citações pós-bíblicas.

As mesmas obras (tratados) encontram-se no volume de escritos e tratados coletados: *Sacrae bibliothecae sanctorum patrum seu scriptorum ecclesiasticorum tomus quartus quo multiplices tractatus...* (“Biblioteca sacra dos Santos Padres ou escritores eclesiásticos, quarto volume, na qual se encontram diversos tratados...”), publicado em 1589.⁷ O todo começa na página 1033 e termina na 1094. A divisão é a seguinte:

⁷ O livro está disponível em:

https://www.google.pl/books/edition/Sacrae_bibliothecae_sanctorum_patrum_seu/bbTkGDdOtL0C?hl=pl&gbpv=0

- *Tractatus primus, Ad convincendum perfidiam Iudaeorum*, páginas 1033–1071, contém XII capítulos.
- *Liber secundus, De Iudaicis erroribus ex Talmut*, página 1071–1094, contém VI capítulos.



Contra Iudaeos Hieronymi de Sancta Fide Iudaei ad christianismum conversi... (1552)



Sacrae bibliothecae sanctorum patrum seu scriptorum ecclesiasticorum tomus quartus quo multiplices tractatus... (Paris, 1589)

A apresentação do conteúdo original de ambos os tratados, que foram a base doutrinária da disputa de Tortosa, deve dissipar os mal-entendidos acumulados em torno desses textos. Não se trata de textos antijudaicos, mas de considerações teológicas baseadas nas Escrituras e em exemplos do Talmude. Em ambos os casos, examinei detalhadamente o prefácio em latim e a estrutura e conteúdo dos

respetivos capítulos. As dificuldades linguísticas não me permitem fazer uma tradução profissional e crítica, mas pude confirmar inequivocamente o caráter teológico, e não antijudaico, desses escritos. Se hoje pudéssemos comparar esses tratados a algo, eles são uma espécie de “catequese” para judeus. O nível doutrinário dos “Tratados” permite afirmar que eles foram escritos com vistas a leitores da elite intelectual judaica, em contraste, por exemplo, com os sermões de São Vicente Ferrer, dirigidos às massas e fundados em meios de expressão e impacto sobre os ouvintes completamente diferentes. Não surpreende, portanto, que a precisão e os argumentos apresentados por Jerônimo de Santa Fé tenham causado, em parte da elite judaica, conversões sinceras e não forçadas.

SÃO VICENTE FERRER E A DISPUTA DE TORTOSA



“São Vicente Ferrer Pregando”, de Alonso Cano (1601–1667), óleo sobre tela, 214 x 164 cm (1644–45)

São Vicente Ferrer pregava em seus sermões que o Juízo Final estava próximo. Ele era até chamado de “Anjo do Apocalipse” e era assim representado, por exemplo, na pintura. No catolicismo, existe a crença de que os judeus se converterão no fim do mundo. Daí resultava o zelo em converter judeus e infiéis à fé católica. É também necessário distinguir o processo de conversão ao cristianismo no caso de judeus e muçulmanos. Naquela época, do ponto de vista católico, a conversão dos judeus, devido à fé comum no Antigo Testamento, era considerada simples e resumia-se a receber o santo batismo (pelo menos era assim que, em muitos casos, o lado cristão imaginava, de forma um tanto ingênua). A fé apocalíptica na proximidade do fim do mundo explica o zelo, a energia e a força autêntica dos sermões do santo. Vicente Ferrer tentava converter (e, portanto, da sua perspectiva, salvar) o maior número possível de almas humanas antes da iminente chegada do fim dos tempos. As motivações de Ferrer não tinham um caráter racial ou nacional, mas resultavam de uma preocupação com as almas e o destino eterno. Com relação aos cristãos, ele era também extremamente firme, condenando os vícios, a imoralidade, a libertinagem e outros pecados.

Vicente Ferrer foi um apóstolo da conversão. Seus sermões giravam sempre em torno da idéia da necessidade de uma mudança radical, uma revisão profunda da vida diária conforme as exigências da doutrina e da moral cristã. Nesse contexto, as expectativas de Ferrer em relação aos judeus, para que acreditassem de forma decisiva e inequívoca em Jesus, não se afastavam do caráter de seus outros sermões.

“Novamente confirmo que essa vontade divina de conversão penitencial se qualifica como boa. (...) Por isso vos pergunto, ó judeus: por que não vos converteis a Cristo, se Ele deseja que todos sejam salvos? E não me respondais: ‘Nossos pais morreram como judeus, nós agiremos como eles’, porque essa não é uma boa resposta. E se vossos pais foram condenados, deveis vós agir como eles? Segui o que ensina o profeta Zacarias (1,3–4) e vede como a vontade de Deus favorece a conversão.”⁸

São Vicente Ferrer não evangelizava sozinho. Ele era acompanhado por numerosos “colaboradores” que cuidavam, como diríamos hoje, da logística adequada, da anotação dos sermões e da preparação do local da pregação. Junto a eles, seguiam “convertidos”: homens e mulheres que, sob o impacto dos sermões, haviam mudado radicalmente de vida (e não se trata aqui de conversos, mas de pessoas que, por exemplo, haviam abandonado uma vida de pecado). Agora, seguindo os passos do santo, cumpriam penitência por suas faltas. Tais procissões,

⁸ José María Monforte Revuelta, *San Vicente Ferrer. La misericordia de Dios y la salvación del hombre: sermones entre 1411-1413*, EDICEP, 2007, p. 101.

somadas às pregações carismáticas de Ferrer, causavam uma impressão incrivelmente forte nos habitantes das cidades por eles visitadas e amplificavam o poder dos “Sermões”. A fama de São Vicente Ferrer e, adicionalmente, as informações sobre os numerosos milagres potencializavam o poder de impacto dos sermões. Nesse contexto, pode-se falar de uma dupla via da “ofensiva evangelizadora”: a disputa de Tortosa era dirigida às elites, e os sermões de Ferrer, às massas.

Vicente Ferrer era uma exceção no seu tempo com as suas visões apocalípticas? Absolutamente não. Todo o século XIV (e mesmo antes) foi marcado por reflexões sobre o fim do mundo e a vinda do Anticristo. É preciso lembrar que eram tempos da “peste negra”, da fome, da crise econômica, da destruição da ordem social após as epidemias, e até da escandalosa divisão para os fiéis do mundo cristão entre papados rivais. Basta dizer que, na época em que Vicente Ferrer nasceu, a peste havia matado em algumas regiões da Europa mais da metade da população. A recuperação demográfica em certas regiões da Europa demorou mais de 400 anos! Seria como se hoje, em menos de três anos, mais de 30 milhões de pessoas morressem no Reino Unido. Os traumas daquela época são inimagináveis para nós contemporâneos.

Vicente Ferrer esteve certamente em Tortosa pelo menos uma vez durante a disputa que ali decorria.⁹ Em junho de 1413, Jerônimo de Santa Fé chama-lhe “mi padre, señor, maestre Vicente”. Além disso, da correspondência de Fernando I, rei de Aragão, consta que o rei pede a Vicente Ferrer que vá a Tortosa e ajude, por meio de seus sermões, na conversão dos judeus.

Deve-se observar, contudo, que em muitos lugares a participação dos judeus nos sermões de São Vicente Ferrer não era totalmente voluntária. Pelo não comparecimento, podia haver pena de multa ou, em casos extremos, prisão. Já após o término da disputa em Tortosa, o rei Fernando I ordenou aos funcionários do reino (7 de março de 1416) que obrigassem os judeus com mais de 12 anos a assistir aos sermões de Jerônimo de Santa Fé e de Vicente Ferrer.¹⁰ Essas pregações compulsórias constituíam uma forma de pressão inaceitável sobre os judeus para que abandonassem sua religião. Infelizmente, muitas vezes foram ocasião para tumultos, humilhações e roubos contra a população judaica. Por isso, não se pode afirmar com certeza em que medida as pregações do famoso dominicano levavam a conversões genuínas ou se eram fruto do medo e da coerção.

⁹ Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico Exema. Diputación de Zaragoza, 2021, tomo I, p. 25–26.

¹⁰ Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico Exema. Diputación de Zaragoza, 2021, tomo I, p. 34.

Diante dos distúrbios e abusos cometidos por ocasião dos sermões obrigatórios, os judeus voltaram a apelar ao rei pedindo proteção. Como resultado, os mesmos governantes que haviam ordenado a presença obrigatória acabaram forçados a suavizar ou mesmo abolir essa imposição, a fim de acalmar a situação interna no reino. Um exemplo de tal “compromisso” — que, do ponto de vista atual, é evidentemente opressivo — foi o decreto do antipapa Bento XIII, que exigia dos judeus a participação, quatro vezes ao ano, em pregações cristãs em determinada cidade.¹¹ Outro exemplo foi a bula final de Bento XIII, *Etsi doctoris gentium*, promulgada ao fim da Disputa de Tortosa, que, sob pena de sanção, determinava que em todos os lugares onde houvesse número suficiente de judeus estes deveriam anualmente assistir a três sermões destinados a homens e mulheres acima de doze anos de idade.

Resumindo o tópico da presença de São Vicente em Tortosa e dos seus sermões, pode-se afirmar que, enquanto a argumentação de Jerônimo de Santa Fé e a decorrente disputa em Tortosa causaram numerosas conversões entre as elites judaicas participantes ou interessadas na disputa, os sermões de Vicente Ferrer suscitaram conversões em massa entre o povo. Entre as conversões de caráter moral (entre os próprios cristãos) havia também numerosas conversões de judeus ao cristianismo, ou conversões análogas entre muçulmanos. Os batismos em massa de judeus espanhóis foram certamente favorecidos pelo exemplo de rabinos que se convertiam ao catolicismo.

No entanto, o peso da coerção, seja pela obrigação de assistir aos sermões, pela pressão econômica ou social, ou ainda pelos atos de violência contra os judeus, lançou uma sombra sobre a autenticidade de muitas dessas conversões, o que, nos anos seguintes, fomentou a desconfiança e a hostilidade contra os recém-batizados, vistos como falsos e dissimulados.

“TRACTATUS NOVUS ET VALDE COMPENDIOSUS CONTRA PERFIDIAM IUDAEORUM”

Entre os poucos escritos de São Vicente Ferrer, é listada uma obra que, em fontes polonesas, leva o título: “Tratado contra os Judeus”. Confesso que o título é algo inquietante, pois pode sugerir antisemitismo por parte de São Vicente. Na realidade, o título desta obra é: *Tractatus novus et valde compendiosus contra perfidiam Iudaeorum*, que pode ser traduzido literalmente como: “Novo e muito conciso tratado contra a perfídia dos judeus”, embora mesmo aqui fosse aconselhável recorrer à ajuda de um latinista, e não a tradutores automáticos.

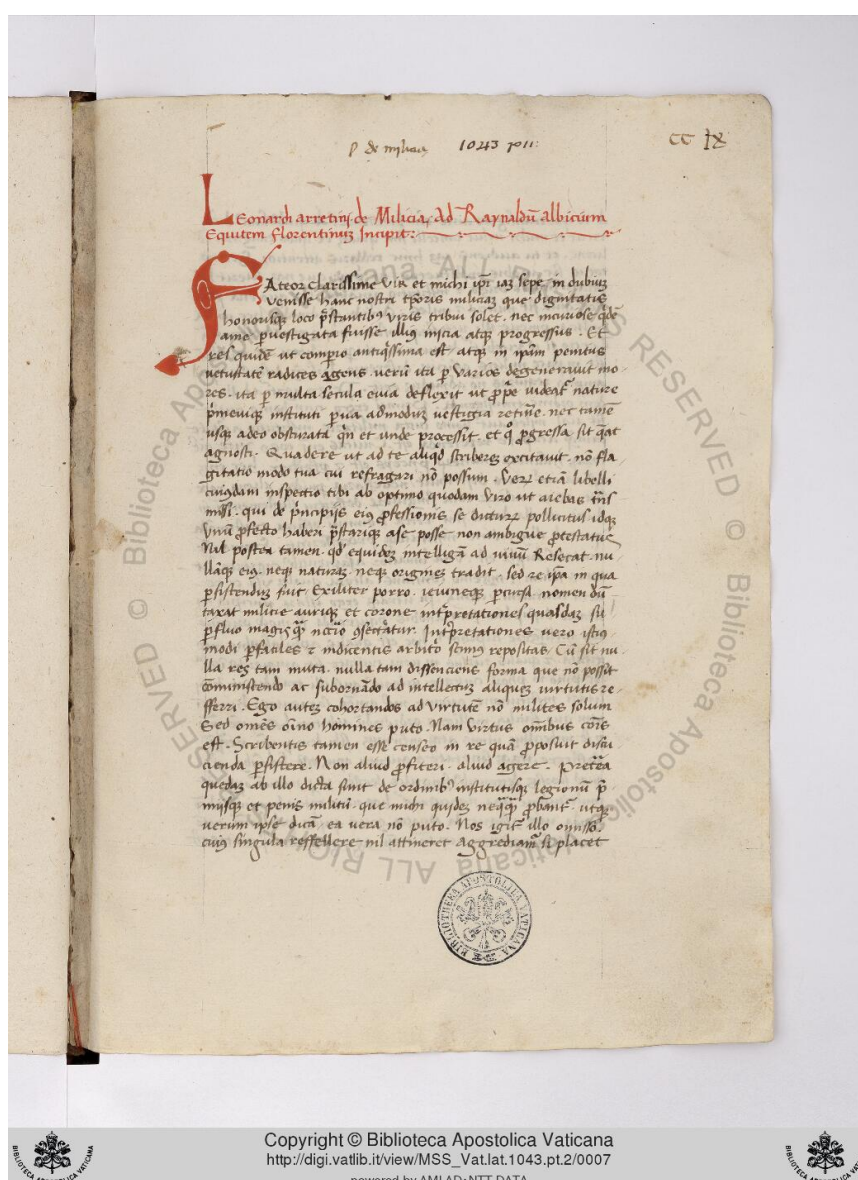
¹¹ Carlos del Valle Rodríguez, *La Disputa judeocristiana de Tortosa*, Institución Fernando el Católico Excm. Diputación de Zaragoza, 2021, tomo I, p. 39.

A palavra “perfidiam”, por exemplo, na oração “Oremus et pro perfidis Judaeis” significa “incrédulos”, “que quebram a fé”. Na tradução francesa do tratado, por sua vez, aparece o termo “cegos” no contexto da falta de fé. Em resumo, na minha opinião, uma tradução mais adequada seria: “Novo e muito conciso tratado contra a infidelidade (ou quebra de fé) dos judeus”. Esse título reflete tanto o conteúdo como é fiel ao original latino, e já não assusta tanto como o “Tratado contra os Judeus”, amplamente difundido na internet.

[Nota d'O Recolhedor: Trata-se de mero malabarismo linguístico de Błaszczyk.]

O original desse documento encontra-se na biblioteca do Vaticano. É um manuscrito que está disponível numa versão digital:

<https://digi.vatlib.it/mss/detail/321962>.

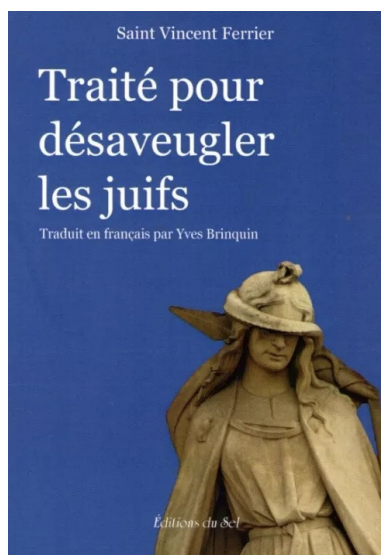


São Vicente Ferrer (co-autor), *Tractatus novus et alde compendiosus contra perfidiam Iudaeorum*. Fonte: Biblioteca Vaticana.

A documentação do Vaticano indica Vicente Ferrer como autor, embora noutras fontes possamos encontrar a informação de que se trata de uma obra de quatro “mestres em teologia”, entre os quais se incluía Vicente Ferrer.¹² Essa informação foi anotada pelo copista Fernando de Sevilha, que datou a cópia do manuscrito em 1440: “Fue editado y compilado por mandato de Benedicto XIII, así llamado en obediencia, por cuatro famosos Maestros en Sagrada Teología, uno de los cuales fue fray Vicente Ferrer”.

O biógrafo de São Vicente Ferrer, o Padre Pierre-Henri Fages, considera fundamental esse documento na disputa de Tortosa, embora eu seja da opinião de que foi o “Tratado” mais extenso da autoria de Jerônimo de Santa Fé que constituiu o eixo das discussões. Os pesquisadores contemporâneos divergem quanto ao papel de Vicente Ferrer nesse tratado. Alguns atribuem-lhe o papel principal na sua escrita, outros afirmam que ele surgiu sob a influência do tratado de Jerônimo de Santa Fé, tendo Vicente desempenhado papel secundário.

O primeiro estudioso a localizar o documento foi o próprio Padre H. D. Fages, que o analisou em uma de suas biografias dedicadas a São Vicente Ferrer.¹³ Infelizmente, por motivos de direitos autorais, não há versão digital disponível dessa obra, escrita em francês, acessível apenas em bibliotecas ou em reedições recentes. Um segundo livro moderno que discute este tratado é: *Saint Vincent Ferrier, Traité pour désaveugler les Juifs, Traduction de Yves Brinquin*. Também é publicado em francês e pode ser comprado comercialmente em várias livrarias online.



São Vicente Ferrer, *Traité pour désaveugler les Juifs* (Editions du Sel, 2017)

¹² Pedro Santonja Hernández, op. cit., p. 140.

¹³ Pierre-Henri Fages, *Oeuvres de S. Vincent Ferrier*, tomo 1, Paris 1909; *Traité contre les Juifs*, p. 3–90.

Voltando ao conteúdo do *Tractatus novus et valde compendiosus contra perfidiam Iudaeorum*, ele consiste em cinco partes e um adendo. Assim, são consideradas as seguintes questões, divididas em cinco capítulos:

1. Será que o destino de Cristo era libertar apenas os judeus, excluindo a libertação de outras nações?
2. Se essa libertação fosse para os judeus (ou para outras nações), que carácter teria (terreno, material ou seria uma libertação espiritual do pecado)?
3. O Messias já foi enviado à Terra ou não?
4. Quem é o Messias ou o profeta? Quem é Ele realmente? Será Jesus Cristo, filho da Virgem Maria?
5. Qual é a natureza do Messias? É simplesmente um homem, ou é simultaneamente homem e Deus? Jesus possui natureza humana e divina?

O adendo responde a três objeções finais dos judeus relativamente a:

1. A fé na Santíssima Trindade;
2. A substituição do sábado pelo domingo;
3. O culto prestado às imagens sagradas.

Essa última questão mantém-se atual até hoje e diz respeito, por exemplo, a diferenças e disputas entre católicos e protestantes. Todas essas questões são discutidas à luz de passagens relevantes das Escrituras Sagradas. São apresentadas as objeções do lado judeu e a resposta a essas objeções do lado católico, com o apoio textual bíblico.

O nível intelectual do trabalho também leva à conclusão de que ele não foi escrito para o chamado “público leigo”. Talvez a intenção dos autores, para além de reforçar os argumentos usados na disputa de Tortosa, fosse fornecer aos clérigos católicos uma espécie de manual que seria um instrumento de combate no processo de conversão dos judeus espanhóis. Decerto, ele não está escrito no estilo dos “sermões” de São Vicente, que também continham referências aos judeus e à sua potencial conversão. No entanto, estes tinham um carácter completamente diferente, característico da forma de sermões, e não de um tratado.

RESUMO

É um erro comum avaliar eventos históricos sob a ótica dos tempos atuais. É fácil, então, proferir julgamentos injustos e criar cadeias causais falsas. Hoje em dia, é óbvio para nós, por exemplo, o direito de voto para as mulheres ou, de um modo geral, o sufrágio universal para os cidadãos adultos de um país. No entanto, isso não era óbvio na Europa ainda no século XIX — basta lembrar que na Suíça as mulheres só puderam votar a partir de 1971 (e num cantão, apenas em 1991!). Por isso, avaliar o estado da democracia no reino de Aragão no século XV

simplesmente não faz sentido. Devemos abordar de forma igualmente crítica a época em que viveu São Vicente Ferrer e ter em conta as realidades daquele período. É, portanto, sob essa perspectiva que devemos compreender o mundo em que viveu São Vicente Ferrer, seus sermões, seus tratados e sua participação na Disputa de Tortosa.

Na literatura, podemos encontrar críticas relacionadas com o fato de a disputa de Tortosa ter ocorrido no coração do reino católico de Aragão. Por outro lado, no século XV, não existia o Estado de Israel, nem havia no centro da Europa um Estado religiosa e ideologicamente neutro, onde as partes pudessem travar a disputa em terreno neutro. Deve-se reconhecer o mérito de a comunidade judaica ter aceitado participar dessa controvérsia. Pelos padrões do século XV, a disputa durou muito tempo, o que testemunha positivamente a favor do lado cristão, que era “mais forte”. Este não cedeu à tentação de organizar uma disputa de fachada e, apesar de ser mais forte, conduziu-a por mais de dois anos. Ambas as partes tiveram tempo para responder. As questões levantadas eram apresentadas por escrito, eram feitas traduções, acordava-se o idioma do debate e das respostas e, finalmente, para preservar a objetividade e a verdade, as respostas eram lidas em público e registradas em ata.

As intenções da parte cristã não tinham um caráter antissemita no sentido dos totalitarismos do século XX. Eram até um pouco ingênuas, pois resumiam-se à crença de que bastaria convencer os judeus das verdades contidas no Novo Testamento e que, após o batismo, eles seriam membros de pleno direito da comunidade cristã. Para esse fim, serviriam a persuasão e o diálogo. Naturalmente, o debate não era conduzido em condições iguais (por exemplo, a obrigatoriedade de ouvir sermões), mas, por outro lado, olhando para os genocídios étnicos ou guerras religiosas dos séculos XX e XXI, que aconteceram ou estão a acontecer diante dos nossos olhos, parece muitas vezes “muito mais civilizado”.

Não pretendo defender os abusos do lado cristão naquela época, mas chamo a atenção para o fato de que Bento XIII optou pela forma de discussão, e não pela expulsão dos judeus, como fizeram o rei Fernando II de Aragão e a rainha Isabel I de Castela menos de 80 anos após a Disputa de Tortosa.

Nesse contexto, os tratados discutidos de Jerônimo de Santa Fé e de São Vicente Ferrer, frequentemente traduzidos de forma incorreta, abreviada e sinistra como “Tratados contra os Judeus”, não são de forma alguma obras antissemitas. São dissertações teológicas que, na intenção dos autores e de acordo com o seu melhor conhecimento e boas intenções, visam a apresentar argumentos a favor da veracidade de Cristo como o Messias prometido. Lembro que Jerônimo de Santa

Fé era um erudito rabino que se converteu voluntariamente à fé católica. No artigo, forneço links para as edições mais antigas desses tratados, para que se possa sempre recorrer à fonte e basear-se no conteúdo real, e não numa opinião tendenciosa.

O mesmo se aplica aos sermões de São Vicente Ferrer. Seu objetivo principal era a renovação moral e espiritual das pessoas, em conformidade com as verdades da fé e o ensino da Igreja Católica. Convencido da iminência do fim do mundo, Ferrer censurava: a prostituição, a corrupção moral, a violência, a vaidade, a usura e o enriquecimento à custa dos outros. Via sua missão também em converter (e, portanto, salvar) judeus, muçulmanos e membros de seitas cristãs, em vista da salvação das almas antes do juízo final. A forma dos sermões era adaptada ao público comum e não pode ser comparada com os “Tratados”. Cada sermão continha uma idéia principal simples e fortemente enfatizada, ilustrada com exemplos compreensíveis para o povo, e visava, de acordo com a intenção do autor e os melhores padrões da arte da pregação dominicana, a mover as emoções dos ouvintes. Esses sermões não tinham caráter antissemita no sentido moderno do termo — assim como tampouco o tinha o chamado *Tractatus novus et valde compendiosus contra perfidiam Iudaeorum* (“Tratado contra os Judeus”), título infeliz e amplamente difundido na internet, cuja autoria parcial se atribui ao célebre dominicano.